

TRANSFERÊNCIA CONCEITUAL: O RELATIVISMO LINGUÍSTICO NA APRENDIZAGEM DE SEGUNDA LÍNGUA

RENAN CASTRO FERREIRA¹; ISABELLA MOZZILLO²

¹Universidade Federal de Pelotas – renan.ferreira@hotmail.co.uk

²Universidade Federal de Pelotas – isabellamozzillo@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Aprendizes de segunda língua (L2)¹ frequentemente vivenciam situações em que uma das línguas das suas línguas parece afetar a compreensão ou a produção na outra. Essa influência pode tanto facilitar quanto dificultar a aprendizagem da língua-alvo (LA) (ODLIN, 2003). Trata-se da *influência translinguística* (KELLERMAN e SHARWOOD-SMITH, 1986), também chamada *transferência* (ODLIN, 1989)² ou *interferência*, embora esse último termo venha de estudos que viam a referida influência como algo prejudicial para a aprendizagem de línguas (FRIES, 1945; LADO, 1957). O conceito de Interlíngua (SELINKER, 1972), deu novos rumos à pesquisa sobre aprendizagem de L2 e desencadeou o interesse pela investigação da transferência em vários âmbitos – semântica, sintaxe, morfologia e fonologia, e também nos domínios discursivo, pragmático e sociolinguístico.

Nos últimos 25 anos, pesquisadores começaram a investigar um tipo de influência translinguística que parece se originar não das estruturas da língua-fonte³, mas de elementos de um nível mais profundo da linguagem – o dos conceitos. No mesmo período, mas em outras áreas – a saber, na Psicologia Experimental e na Linguística Cognitiva –, novos estudos sobre a cognição humana reavivaram o interesse da Ciência numa matéria que fora muito popular e polêmica no passado, mas que há tempos não goza de muito prestígio: a influência das línguas que falamos sobre a forma como pensamos, ou Hipótese Sapir-Whorf. A questão havia sido proposta academicamente nos anos 1950 (WHORF, 1956), mas o advento do Gerativismo, com o seu foco na procura por universais linguísticos, e a falta de um método de investigação que fornecesse evidências fortes para sustentar a Hipótese acabaram marginalizando-a. Nos anos 1990, pesquisadores se dedicaram a reformular e refinar as ideias de Whorf (LUCY, 1992) e, a partir de então, alguns estudos começaram a preferir o termo Relativismo Linguístico para se referir ao tema. Ainda assim, a reformulação não foi o suficiente para trazer a questão de volta ao *mainstream* da Ciência.

Entretanto, os novos estudos realizados no início do século XXI trouxeram dados empíricos de experimentos psicolinguísticos e neurolinguísticos, muito mais confiáveis do que os da simples observação utilizada na pesquisa de Whorf. Estudos como os de MALT *et al.* (2003) sobre categorização de objetos e os de BORODITSKY *et al.* (2003) sobre o gênero gramatical mostraram que as classes e categorias presentes na língua de uma pessoa podem influenciar a sua atenção ou

¹ Neste trabalho, utilizamos o termo segunda língua (L2) para nos referirmos a qualquer língua aprendida após a(s) língua(s) materna(s) (LM), independentemente da ordem ou do contexto de aquisição.

² No presente trabalho, utilizamos *influência translinguística* e *transferência* como sinônimos, por entendermos que, ao contrário do termo *interferência*, nenhum deles tem conotação negativa.

³ O termo *língua-fonte* refere-se a língua de onde determinado item ou estrutura será transferido. A língua para onde esse item ou estrutura será transferido, ou a língua que sofre a influência translinguística, é chamada *língua-receptora* (JARVIS e PAVLENKO, 2010).

tomada de decisões sobre certos aspectos da sua experiência no mundo, isto é, a língua pode influenciar o pensamento.

Atualmente, o Relativismo Linguístico tem interessado pesquisadores da área de estudos sobre Bilinguismo, que hoje o investigam numa subárea chamada Cognição Bilíngue (PAVLENKO, 2014). Nela, os pesquisadores também investigam quando e como a forma de pensar que é influenciada por uma língua pode afetar a aprendizagem de outra língua. Quando isso acontece, há um fenômeno de influência translinguística no nível conceitual, ou seja, em como as línguas concebem e organizam determinados domínios conceituais, tais como gênero, movimento, cor, tempo etc. Esse fenômeno é chamado *transferência conceitual* (JARVIS e PAVLENKO, 2010). O objetivo deste trabalho foi definir teoricamente o conceito.

2. METODOLOGIA

Por tratar-se de uma revisão teórica da literatura, buscamos caracterizar o fenômeno da transferência conceitual relacionando os principais pressupostos teóricos sobre Interlíngua, Relativismo Linguístico e Cognição Bilíngue com os achados dos estudos empíricos mais relevantes sobre a matéria, sobretudo os citados em antologias e revisões sistemáticas da literatura como as presentes em JARVIS e PAVLENKO (2010), COOK e BASSETI (2011) e PAVLENKO (2014). O objetivo foi estabelecer uma base teórica que defina *transferência conceitual* e a tome como o produto do Relativismo Linguístico na aprendizagem de L2.

3. DISCUSSÃO

A pesquisa sobre transferência analisa e descreve como a compreensão ou o uso de uma língua podem ser influenciados pelos conhecimentos que se tem de outra(s) língua(s). Ou seja, busca-se explicar tal influência em termos de “semelhanças e diferenças entre as propriedades estruturais da língua-fonte e da língua-receptora” (JARVIS e PAVLENKO, 2010, p. 112). Pesquisas mais recentes têm evidenciado diferenças entre as línguas também na organização de domínios conceituais. No entanto, grande parte dos estudos sobre conceitos estabelecem essas dessemelhanças através da comparação entre falantes monolíngues de cada língua. Aqui cabe perguntar: poderiam essas diferenças translinguísticas conceituais também afetar o desempenho do aprendiz de L2 na sua língua alvo?

Desde o início da pesquisa em bilinguismo, com o trabalho de WEINREICH (1953), tem-se buscado explicar como se dá a conexão entre as diferentes estruturas e formas de uma língua e suas representações conceituais na mente do bilíngue. Um dos modelos de representação do léxico mental mais conhecidos é o Modelo Hierárquico Revisado (KROLL e STEWARD, 1994). Ele parte do pressuposto de que a representação conceitual é compartilhada entre as línguas, ou seja, palavras de duas línguas diferentes se conectam a um mesmo conceito (ex.: as palavras *cat* e *gato* estariam ligadas a um mesmo conceito – o de “animal doméstico que mia”). No entanto, esse modelo mas não explica o caso de pares de palavras que não compartilham todos os significados, isto é, onde não há total equivalência conceitual entre as palavras (ex.: ambas as palavras *cat* e *gato* significam “animal doméstico que mia”, mas apenas a palavra *gato* também quer dizer “alguém que é fisicamente atraente” ou “prolongamento ilegal de um ponto de fornecimento de energia elétrica”). Outro modelo bastante conhecido é o Modelo da Característica Distribuída (DE GROOT, 1993), que tenta dar conta dos significados específicos que muitas palavras têm em determinada língua, mas não em outra. A autora não vê os conceitos como unidades estanques na memória, mas como representações

“distribuídas”, em que cada conceito é, na verdade, um conjunto de atributos conceituais mais elementares.

Os estudos mais atuais têm indicado que há conceitos que existem em certas línguas, mas não em outras. Por exemplo, PAVLENKO (2003) concluiu que a língua russa não só não possui equivalentes para a palavra inglesa *privacy* (privacidade), como também não tem o próprio conceito de privacidade. A autora também demonstrou que em certas situações, aprendizes de L2 podem adquirir conceitos inexistentes nas suas LM. Uma das conclusões do mesmo estudo é que falantes de russo-L1 chegam a conseguir assimilar o conceito de privacidade do inglês, mas não o consideram “aplicável” ou “válido” numa interação em russo. Ou seja, quando falam inglês, privacidade existe, quando falam russo, ela não vem ao caso.

Outros estudos com bilíngues mostraram que quando há uma equivalência parcial entre os conceitos das línguas em contato na sua mente, os bilíngues frequentemente desenvolvem sua própria representação conceitual, que diverge daquela de monolíngues de cada língua. É o caso dos falantes de russo-LM aprendizes de inglês-L2 do estudo de ANDREWS (1994). Há equivalência parcial entre inglês e russo no domínio conceitual das cores. Em inglês, a categoria *blue* inclui o que em russo são duas categorias: *goluboy* (azul claro) e *siniy* (azul escuro). O estudo mostrou que bilíngues russo-LM/inglês-L2 que moravam nos Estados Unidos e tinham inglês como língua dominante estavam perdendo a distinção entre *siniy* e *goluboy*, passando a utilizar, ao falarem russo, a palavra *goluboy* em contextos em que se esperaria que usassem *siniy*. Essa influência do significado que uma palavra ou estrutura tem numa língua sobre a compreensão ou uso de uma palavra ou estrutura equivalente noutra língua (que nessa está ligada a um conceito distinto) é o que os pesquisadores chamam de *transferência conceitual*.

Baseando-se em estudos com bilíngues como os citados anteriormente, PAVLENKO (2009) propôs um novo modelo de representação do léxico bilíngue, o Modelo Hierárquico Modificado, para representar três aspectos não contemplados em modelos anteriores: (1) a existência não apenas de conceitos equivalentes e conceitos (parcialmente) compartilhados entre as línguas, mas também de conceitos que são específicos de uma das línguas; (2) o fenômeno da transferência conceitual, em que certo conteúdo conceitual exclusivo de uma língua é atribuído a uma palavra de outra língua; e (3) a ideia de aprendizagem de L2 como reestruturação conceitual, ou seja, um processo gradual no qual o aprendiz vai reformulando suas categorizações conceituais de forma que elas cheguem o mais próximo possível da representação conceitual do falante nativo da língua-alvo – uma versão “cognitivo-conceitual” e whorfiana da teoria da Interlíngua de SELINKER (1972).

4. CONCLUSÕES

A transferência é, como propôs SELINKER (1972), parte do processo de desenvolvimento da interlíngua, ou seja, é um fenômeno indissociável da aprendizagem de L2. Estudos atuais mostram que o fenômeno da transferência ocorre não apenas com aspectos formais das línguas em contato, mas também pode se quando conceitos de uma língua sem equivalência ou com equivalência parcial em outra afetam a compreensão e uso desta. Isso é o que pesquisadores chamam de transferência conceitual (PAVLENKO, 2009).

A pesquisa sobre a cognição bilíngue tem mostrado que o bilíngue pode formar suas próprias categorias conceituais, que divergirão daquelas de falantes monolíngues das línguas que ele fala (PAVLENKO, 2014; DE GROOT, 2013). A aprendizagem de L2 envolveria, portanto, não apenas o estabelecimento de conexões entre as formas, os significados e as funções da L2 com o conhecimento

linguístico prévio do aprendiz, mas também uma reestruturação das representações conceituais em sua mente. Para PAVLENKO (2009), a transferência conceitual seria evidência dessa reestruturação e, por conseguinte, da hipótese do Relativismo Linguístico ou Hipótese Sapir-Whorf – a ideia de que diferenças conceituais entre as línguas poderiam afetar a forma como os seus falantes veem o mundo.

No futuro, mais pesquisas com bilíngues, tanto os com mais de uma LM quanto os que estejam aprendendo ou tenham aprendido uma língua após sua(s) LM(s), poderão elucidar questões que ainda carecem de investigação, tais como: Como a transferência conceitual pode ser prevista? Quais fatores afetam mais ou menos a ocorrência da transferência conceitual? Quais são as implicações dos achados sobre a cognição bilíngue e o Relativismo Linguístico para o ensino de segunda língua e língua estrangeira? Essas questões, assim como todo percurso da pesquisa sobre transferência, indicam que o estudo da cognição bilíngue parece ser o caminho para compreendermos como as línguas que falamos influenciam o modo como pensamos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDREWS, D. The Russian Color Categories Sinij and Goluboj: An Experimental Analysis of Their Interpretation in the Standard and Emigré Languages. **Journal of Slavic Linguistics**, v. 2, n. 1, p. 9-28, 1994.
- BORODITSKY, L.; SCHMIDT, L.; PHILLIPS, W. Sex, syntax, and semantics. *In*: GENTNER, D.; GOLDIN-MEADOW, S. (Eds.). **Language in mind: Advances in the study of language and thought**. Cambridge, MA: MIT Press, 2003. p. 61-79.
- COOK, V.; BASSETTI, B. (eds.). **Language and Bilingual Cognition**. Psych. Press, 2011.
- DE GROOT, A.M.B. Word-Type Effects in Bilingual Processing Tasks: Support for a mixed-Representational System. *In*: SCHREUDER, R.; WELTENS, B. (Orgs.). **Studies in Bilingualism**. Amsterdam: John Benjamins, 1993. p. 27-51.
- FRIES, C. **Teaching and learning English as a foreign language**. 1 ed. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1945.
- JARVIS, S.; PAVLENKO, A. **Crosslinguistic influence in language and cognition**. New York: Routledge, 2010.
- KELLERMAN, E.; SHARWOOD-SMITH, M. **Crosslinguistic influence in second language acquisition**. Oxford: Pergamon Press, 1986.
- KROLL, J.; STEWART, E. Category Interference in Translation and Picture Naming: Evidence for Asymmetric Connections Between Bilingual Memory Representations. **Journal of Memory and Language**, v. 33, n. 2, p. 149-174, 1994.
- LADO, R. **Linguistics across cultures: applied linguistics for language teachers**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1957.
- LUCY, J. **Language diversity and thought. A reformulation of the linguistic relativity hypothesis**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1992.
- MALT, B.; SLOMAN, S.; GENNARI, S. Universality and language specificity in object naming. **Journal of Memory and Language**, v. 29, p. 20-42, 2003.
- ODLIN, T. Cross-linguistic influence. *In*: DOUGHTY, C. J.; LONG, M. H. (Org.). **The handbook of second language acquisition**. Oxford: Blackwell Pub., 2003. p. 436-486.
- _____. **Language transfer: cross-linguistic influence in language learning**. UK: CUP, 1989.
- PAVLENKO, A. Eyewitness memory in late bilinguals: Evidence for discursive relativity. **International Journal of Bilingualism**, v. 7, n. 3, p. 257-281, 2003.
- _____. **The Bilingual Mental Lexicon: Interdisciplinary Approaches**. London: M. M. 2009.
- _____. **The bilingual mind: and what it tells us about language and thought**. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2014.
- SELINKER, L. Interlanguage. **IRAL - International Review of Applied Linguistics in Language Teaching**, v. 10, n. 1-4, p. 209-232, 1972.
- WEINREICH, U. **Languages in contact: findings & problems**. The Hague: Mouton, 1953.
- WHORF, B. **Language, thought, and reality**. New York: Wiley, 1956.